

“SER NORDESTINO”: MODOS DE DIZER, MODOS DE SIGNIFICAR

Evandra Grigoletto¹
Fabiele Stockmans De Nardi²
Fernanda Correa Silveira Galli

Resumo: Na discursividade cotidiana, a palavra “nordestino” toma corpo e dá visibilidade às relações de linguagem atravessadas pela história e pela ideologia, as quais ultrapassam as questões geográficas e culturais naturalizadas socialmente. Com base na perspectiva teórica da análise do discurso pecheutiana, apresentamos uma reflexão sobre a rede de sentidos em torno da palavra “nordestino”, a partir da análise sobre os modos de dizer que implicam diferentes modos de significar. Nosso corpus analítico é composto por respostas ao enunciado “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO”, publicado nos Instagram Stories do perfil do Escutas, um projeto de extensão do NEPLEV/UFPE. Nas análises, discutimos os efeitos de sentido a partir de diferentes redes parafrásticas que se inscrevem na memória da nordestinidade.

Palavras-chave: Nordeste. Discurso. Sentidos. História. Ideologia.

“SER NORDESTINO”: WAYS OF SAYING, WAYS OF MEANING

Abstract: In daily discursivity, the word “nordestino” takes shape and gives visibility to the language relations crossed by history and ideology, which go beyond the socially naturalized geographical and cultural issues. Based on the theoretical perspective of Pecheu’s discourse analysis, we present a reflection on the network of senses around the word “nordestino”, based on the analysis of the ways of saying that imply different ways of meaning. Our analytical *corpus* consists of responses to the statement “In a word, define what it means to be NORDESTINO”, published in the Instagram Stories of the profile of Escutas, an extension project of NEPLEV/UFPE. In the analysis, we discuss the effects of sense from different paraphrastic networks that are inscribed in the memory of northeasternness.

Keywords: Nordeste. Discourse. Senses. History. Ideology¹

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: evandra.grigoletto@ufpe.br

2 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabiele.snardi@ufpe.br

3 Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fernada.galli@ufpe.br

Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
[...]
Sou obrigado a? Posso escolher?
(ANDRADE, 2016, p. 24)

Considerações iniciais

Este artigo é um desdobramento do trabalho que temos desenvolvido no âmbito do Escutas, projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV), do Departamento de Letras (DL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio do qual buscamos intensificar o diálogo entre a universidade e a sociedade. No trabalho com as entrevistas e comentários de postagens realizadas pelo grupo do projeto, percebemos um interessante movimento que vem com a palavra, no jogo de palavras, num puxar a palavra para colocá-la em rede e fazer trabalhar seus efeitos de sentido. É a partir de uma postagem do Escutas na rede social Instagram que se constitui o corpus sobre o qual trabalhamos e procuramos reconstruir a rede de sentidos que se tece pela provocação do dizer sobre o ser nordestino. Mais especificamente, nosso corpus de análise é composto por respostas ao enunciado “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO”, publicado no Instagram Stories², do perfil do Escutas³.

A partir desse corpus, a proposta deste artigo é perseguir as redes parafrásticas que se constroem no jogo de palavras provocadas pelo enunciado, as quais nos permitem pensar no funcionamento mesmo da palavra em redes, nas repetições e deslizamentos que vão se produzindo ao unir uma palavra à outra, ao tomar uma palavra pela outra, produzindo efeitos de identidade-identificação entre as palavras e, por elas,

4 Trata-se de um dos recursos da rede social Instagram cujo objetivo é proporcionar a interação entre usuários, a partir de publicações (vídeos, fotos, textos, enquetes, perguntas, testes, etc) que ficam disponíveis por 24 horas.

5 https://www.instagram.com/escutas_/

dos sujeitos com esse traço comum de existência que os une: a nordestinidade. Nossa discussão, no entanto, começa pela forma de constituição de nosso corpus; de modo particularizado, pelo enunciado lançado como provocação ao dizer do sujeito e no qual se materializa um modo de dizer que aponta para uma suposta essencialidade do ser. Uma vez postado, o enunciado em análise fez surgir uma série de palavras encadeadas que dizem sobre o que seria o “ser nordestino”, remetendo para algo que aparece como elemento intrínseco a essas existências que se podem abarcar sob o rótulo nordestino, numa busca, ao mesmo tempo particular e coletiva, de algo que estaria na raiz desse ser.

O retorno ao enunciado e ao corpus construído a partir dele nos fez retomar discussões em torno da noção de sujeito e de sua relação com a língua(gem), dos processos de subjetivação e identificação, e da própria noção de singularidade, tal como poderia ser pensada pela AD, no sentido de nos permitir olhar para essa tensão entre o particular e o coletivo que se inscreve no dizer sobre “ser nordestino”. Partimos, para tanto, da consideração de que a subjetividade se constrói num imbricamento entre as ordens do simbólico e do imaginário, o que aponta para o fato de que aquilo que chamamos de identificação implica considerar o atravessamento dessas ordens no processo de constituição do sujeito. Conforme nos dizem Magalhães e Mariani (2010, p. 393), “falar implica incluir o lugar de onde se fala e a fala do Outro – lugar do simbólico –, mesmo que isso não seja transparente para o sujeito”. Ao trabalhar sobre os processos de subjetivação, as autoras insistem na necessidade de se considerar a distância entre as palavras e as coisas, ao pensar o funcionamento do significante, distância que implica considerar que o sujeito está “submetido a uma estrutura de linguagem, por um lado, e a sentidos já constituídos na historicidade e na memória, por outro”.

É, portanto, em sua relação com a linguagem que o sujeito se diz e se constitui, pela via

do imaginário e pela relação com a memória, o que nos permite investigar no corpus recortado os efeitos de sentido sobre “ser nordestino”. Nessa direção, consideramos a historicidade como constitutiva da linguagem, o “que não nos permite pensar na existência de um sentido literal, já posto, e nem mesmo que o sentido possa ser qualquer um, já que toda interpretação é regida por condições de produção” (LEANDRO-FERREIRA, 2020, p. 24). Questionar a evidência dos sentidos, desconfiar dos dizeres naturalizados sócio-historicamente, olhar para o que excede “um corpo, um jeito, um nome” (ANDRADE, 2016, p. 24), escutar os ditos e os não-ditos sobre “ser nordestino”, em sua singularidade, é o nosso propósito nesta reflexão.

Sobre “ser nordestino”: história, memória, pré-construído

À luz da análise de discurso pecheutiana, compreender os movimentos de sentido desencadeados pelo significante nordestino implica considerar o “ser nordestino”, como já sinalizamos, em sua historicidade, em uma trama discursiva que ultrapassa os limites territoriais e faz vir à tona sentidos circunscritos nas fronteiras do social, amparados ideologicamente e sustentados pelas relações de poder-dever-dizer. Os sentidos, desse modo, se produzem pelas possibilidades de (se) dizer, pelo funcionamento da memória discursiva na consolidação de um imaginário sobre o que é “ser nordestino”: memória como a “morada dos sentidos”, como o que “nos faz ser quem somos”, e, ao mesmo tempo, como “estrangeira em nossa própria casa” (LEANDRO-FERREIRA, 2012, p. 141-142), de modo a criar fissuras e desestabilizar os sentidos já postos.

Conceber a constituição do sujeito nordestino e(m) seu espaço geo-sócio-economicamente marcado, implica, portanto, compreender as contradições constitutivas de/sobre nordestinidade, a partir das quais os sentidos emergem. Assim, ao compreendermos o espaço empírico

como da ordem do discursivo, compreendemos também que é por meio das relações de forças, de sentidos e de antecipação, “sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, [que] podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história.” (ORLANDI, 2001, p. 41). É, então, nessas relações discursivas que os jogos de imagem fazem intervir os pré-construídos sobre ‘ser nordestino’, “como se esse elemento já se encontrasse aí”, por efeito da interpelação ideológica, conforme propõe Pêcheux ([1975], 2009, p. 89).

Nessa medida, memória e imaginário “asentam-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, na nossa perspectiva, pelas relações de poder” (ORLANDI, 2001, p. 40). A construção de um imaginário sobre o nordeste brasileiro, segundo o historiador Albuquerque Júnior (2009), se dá a partir dos discursos hegemônicos que sempre circularam a respeito desse espaço geográfico e funcionaram como estereotipização do (“ser) nordestino”. Nas palavras de Albuquerque Júnior, o discurso da estereotipia se configura como

[...] um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrílica, é fruto de uma voz segura e auto suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009. p. 30)

O estereótipo funciona pela simplificação do outro, sua redução a um conjunto de marcas constantes e identificáveis que parecem forjar, para o sujeito, a ilusão de dizer o outro, conhecê-lo por inteiro (DE NARDI, 2007). Para Bhabha (1998), trata-se o estereótipo, em sua fixidez, de uma das armas do discurso colonial, uma de suas principais estratégias discursivas. Parece-nos interessante, no entanto, como o au-

tor, ao tratar a questão, aponta para a ineficácia de se negar o estereótipo, ao considerar que esse discurso já produziu os seus efeitos, os quais se fazem ver como marcas no corpo, na língua, no espaço, nas formas de o sujeito (se) dizer. Por isso, “Bhabha propõe que nos disponhamos a analisar os processos de subjetivação tornados possíveis através do discurso do estereótipo” (DE NARDI, 2007, p. 69 - grifos da autora), o que nos leva a considerar, a partir do que sobre a subjetivação formulamos anteriormente, que se trata, em nosso caso, de escutar como faz eco esse discurso no modo de os sujeitos dizerem sua nordestinidade, enquanto condição de (re) ex(s)istência.

Assim, apesar do apagamento e da não “visi/dizibilidade” das questões físicas, geográficas e econômicas⁴, o nordeste brasileiro existe e resiste como uma “vasta região ensolarada, cheia de vida, de calor humano e de musicalidade, espaço sociopolítico diferenciado e contrastante, carente, pesado, responsável pela existência de tantos problemas, misérias e conflitos.”, tal como descreve Rago (1996, p.13). Trata-se, portanto, de um nordeste heterogêneo, diverso, múltiplo, vivaz, ou seja, de um espaço “simbólico, sítio de significação” que envolve sujeitos e significantes (ORLANDI, 2004, p. 41), mas sobre o qual os estereótipos sempre retornam, ressoam como rastros da memória que sempre “recorta os sentidos e os atualiza no acontecimento da linguagem” (LEANDRO-FERREIRA, 2012, p. 145), expondo o paradoxo memória-esquecimento.

Ao retomar Pêcheux, Milán-Ramos e Baldini (2000, p. 66) apontam que a singularidade, pensada a partir da compreensão de um sujeito material, que se produz como efeito do ritual sempre com falhas da interpelação de que nos fala Pêcheux, “necessita ser pensada no lugar de “uma negociação entre o choque de um aconte-

cimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória” (PÊCHEUX, [1983], 1999, p. 51); acontecimento histórico singular, dizem os autores, que “supõe tanto o acontecimento do equívoco na língua (em contato com a história) como o acontecimento-no-mundo”. Esse modo de pensar a singularidade leva os autores a falar do real do sentido e de pensar o real produzido pela eficácia do imaginário, o que, entendemos, nos permite compreender essa “nordestinidade” cujos efeitos procuramos observar e que, em nosso corpus retorna, pelos significantes, numa busca por esse “ser” sempre reafirmado que, de alguma forma, se enrosca em uma ilusão de unidade/essencialidade.

Compreendemos, portanto, que esse imaginário sobre o nordeste brasileiro de que nos fala Albuquerque Júnior (2009) é parte do dispositivo complexo de uma memória no interior do qual se negociam os sentidos sobre o nordeste, o nordestino, a nordestinidade. A memória é a “condição do legível em relação ao próprio legível”, nos diz Pêcheux ([1983], 1999, p. 52), ao fazer laço entre a memória e os “implícitos” que precisam ser recuperados diante de um texto que se oferece como objeto a ser lido. Isso que se nomeia por implícitos são os pré-construídos, os discursos transversos etc, que Pêcheux se pergunta, então, como encontrar, buscando resposta para o seu questionamento nas reflexões de Pierre Achard e sua noção de regularização pela qual se pode pensar nos processos parafrásticos que acabam por desembocar no estereótipo.

Mas a recorrência do item ou do enunciado pode também (...) caracterizar uma divisão da identidade material do item: sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se, então, o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de se desdobrar em paráfrase. (PÊCHEUX, [1983], 1999, p. 53).

A seguir, buscamos compreender em nosso corpus como os diferentes modos de dizer o

6 No prefácio de A invenção do nordeste e outras artes, Rago (1996, p. 13) aponta: “Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada.”

“ser nordestino” produzem, nas redes parafrásticas, diferentes modos de significar a memória sobre a nordestinidade, bem como fazem vir à tona as diferentes formas de subjetivação.

Sobre palavra e(m) discurso: redes parafrásticas e sentidos

A palavra, como nos ensinou Pêcheux, nunca é neutra: “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam” (HAROCHE, PÊCHEUX, HENRY [1971], 2007, p. 26). E aqueles que as empregam são sujeitos sócio-historicamente situados, interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente. Por isso, ao empregarem uma palavra e não outra, o fazem sob a evidência do ideológico⁵ e sob a eficácia do imaginário, crendo-se na origem do sentido. A luta ideológica de classes, diz Pêcheux ([1978], 2011, p. 273) “é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e enunciados”. Pensar a palavra no campo da AD, portanto, implica considerá-la como parte da língua, pensada a partir do seu real, como um sistema de regras atravessado pela falha, entendendo que a apreensão da palavra se faz sempre a partir de um gesto de leitura que, longe de ser reconhecimento de um já-dado, faz trabalhar sujeitos e sentidos nessa trama densa que sempre é um discurso e os modos como se dá a ler.

Em nosso gesto de leitura sobre o corpus em análise, compreendemos que a rede parafrástica que se cria pelo jogo de palavras em torno de

7 Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 57), ao se debruçarem sobre a noção saussuriana de valor, nos falam sobre as “duas faces” da obra do linguista, colocando em cena a poesia que habita toda língua e, com ela, um sistêmico capaz de subversão, que, entendemos, transborda na equivocidade. A palavra, assim, trazida para o espaço do significante, da primazia do significante, se oferece enquanto campo aberto de uma luta ideológica pelos sentidos, luta que se trava a partir da insistência em reafirmar que nem o referente, nem o sujeito do discurso e o outro, e seus lugares, existem enquanto tais no que Pêcheux chama de “condição pré-discursivas do discurso” (PÊCHEUX [1969], 1997, p. 85).

“ser nordestino” revela os fios sempre enredados desse dispositivo pelo qual se sustenta a rede de discursos sobre o nordeste e a nordestinidade. O que se diz aqui, portanto, aparece, de alguma forma, como resposta ao movimento não novo, mas constantemente atualizado, de retomada desse discurso de/sobre (MARIANI, 1998), que produz a inferiorização desses sujeitos por sua vinculação a um espaço geográfico-social imaginado. Dizer, portanto, que ser nordestino é X ou Y é se inscrever numa rede de memória que disputa sentidos sobre esse sujeito e, por sua vez, sobre essa região do país, muitas vezes esquecida pelas políticas públicas. Há, como já mostramos, um pré-construído sobre o sentido do que é ser nordestino que se sedimentou ao longo da história. E esse sentido que se coloca na matriz das redes parafrásticas, de diferentes palavras, que definem o “ser nordestino”, aponta para um lugar de subalternidade desse sujeito, de modo que, mesmo quando ele é definido como um sujeito forte, corajoso, resistente etc, ele o é apesar das dificuldades, as quais definem sua essência/existência.

Podemos iniciar nossa reflexão nos perguntando por que é preciso “definir o que é ser nordestino”, formulação que norteou a coleta do corpus que ora analisamos. Será que nos perguntamos, ou precisamos refletir, por exemplo, sobre o que é ser paulistano, mineiro, sulista etc? Por que precisamos responder sobre a essencialidade desse sujeito que habita uma determinada região de nosso país? Por que os nordestinos precisam dizer sobre o “orgulho de ser nordestino”? Para avançarmos nessa discussão, vamos apresentar nosso corpus.

Vejamos a primeira figura, que se constitui do enunciado “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO” publicado no Instagram Stories, o qual deu origem à rede parafrástica de palavras e expressões que dizem sobre “ser (sujeito) nordestino”.



Figura 1 - “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO”, enunciado publicado no

Instagram Stories do perfil @Escutas, em 01 de abril de 2022.

Para que fosse apresentado o enunciado que provocou as respostas que compõem o corpus deste artigo, partimos de outros enunciados, como “orgulho de ser nordestino” e “tinha que ser nordestino”, “tinha de ser de pernambuco”, bem como de imagens (Lampião, cactus, religiosidade, o chapéu do cangaceiro) e palavras (paraíso turístico, belas praias, pobreza...) interpelando os seguidores do perfil a definir, em uma palavra, o que é ser nordestino. Em estudos sobre o funcionamento das palavras no dicionário, autoras como Petri (2018, p. 10) e Silva (2003) observaram que funciona, nesses objetos linguísticos, um efeito de “palavra-puxa-palavra”. Deslocando essa reflexão para o nosso corpus, ainda que as redes tenham como característica a dispersão, a difusão das palavras e dos sentidos, a palavra nordestino puxa palavras/enunciados/imagens como os citados, uma vez que elas circulam no imaginário social e constituem a memória do “ser nordestino”, sedimentando, ao longo da história, sentidos sobre esse sujeito e essa região do país, o nordeste.

Trata-se de sentidos muitas vezes carregados de estereótipos, os quais já produziram seus efeitos, como nos diz Babha (1998), mar-

cando-se no corpo, na língua, nas formas de o sujeito (se) dizer. E, ao (se) dizer nordestino, em uma palavra ou expressão, esses sujeitos se subjetivam, (re)produzem sentidos que se inscrevem na contradição, que dizem sobre a luta de classes, materializada em dizeres sobre o nordeste e sua gente, a exemplo de “o nordeste é um paraíso turístico, mas local de muita pobreza e gente ignorante”; “os nordestinos devem se orgulhar de sua naturalidade, mas são sujeitos subalternizados”. E assim vai se discursivizando uma rede parafrástica em torno de algumas palavras e imagens que definem o “ser nordestino”, as quais não surgiram nessa postagem, nem nas respostas a esse enunciado, mas que foram se naturalizando ao longo dos anos, principalmente pelo modo como o outro, que não é o nordestino, diz sobre esse sujeito.

Nas palavras de Albuquerque Júnior (2009), o nordeste sempre foi discursivizado como a região do país em que os milhares de sertanejos saem do sertão em busca de uma vida melhor no litoral, a seca é causadora de calamidades ano após ano, a pobreza concorre com as belezas naturais, o índice de analfabetismo é o maior do país, dentre outras representações sedimentadas no universo social. Portanto, esse modo de dizer o nordeste e a sua gente nordestina, na maioria das vezes de forma estereotipada, produz um discurso homogeneizante, que reduz o “ser nordestino” a um sujeito da resistência, da resiliência, da inferioridade, da luta, que é forte e corajoso, alegre e acolhedor, apesar de todas as adversidades a que está submetido, o que apaga muito da diversidade, da heterogeneidade e da singularidade que o caracterizam.

O que vemos funcionar nas postagens abaixo, em resposta ao questionamento provocado na rede social Instagram, é o efeito metafórico, definido por Pêcheux como “[...] o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”.

(PÊCHEUX [1969], 1997, p. 96, grifos do autor). Nesse jogo de substituição, nordestino é x ou y, os sentidos deslizam, mas mantêm-se, neste primeiro recorte, sob o efeito de uma mesma matriz de sentido, que inscreve o nordestino numa trajetória de sentidos pela qual se produz a nordestinidade como sinônimo de resistência. Nordeste é, conforme vemos na Figura 2: Corajoso, Força, Ser resistência! Ao preconceito e à marginalização, Forte, Luta, resiliência.



Figura 2 - Conjunto de respostas ao enunciado “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO”, publicado no Instagram Stories do perfil @Escutas, em 01 de abril de 2022.

Nesse primeiro conjunto de respostas, nos chama a atenção o deslizamento de sentidos que se dá pela escolha em responder com substantivos (força, luta, resiliência), os quais mantêm um paralelismo sintático com a formulação que pedia um complemento (nordestino é...), com adjetivos (forte, corajoso), ou com um verbo (ser), que precisa de complemento (resistência), que pede os adjuntos (ao preconceito e à marginalização). Para além do deslizamento de ordem gramatical, o que vemos funcionar aqui é um pré-construído sobre o ser nordestino que sustenta esses dizeres: o nordestino sofre preconceito, é um sujeito marginalizado. Logo, precisa

ser forte e corajoso, ter força e resiliência para lutar contra todas as formas de preconceito e marginalização. Merece destaque sobretudo a substituição contextual de “o” por “x” em corajoso, inscrevendo sentidos que vêm da luta por uma língua não sexista e mais inclusiva, do movimento LGBTQIA+, no interior da trajetória de sentidos que constroem uma memória sobre a nordestinidade.

Nesse jogo de diferentes efeitos metafóricos que funcionam nessa rede parafrástica em torno do significante nordestino, a memória tem um papel fundamental, pois, ao mesmo tempo em que faz retornar os pré-construídos acerca dessa palavra, ela esburaca-se, como diz Pêcheux (1983), abre para outras possibilidades de desdobramentos de sentido, como é o caso, aqui, de corajoso. Dentre essas possibilidades, vemos emergir um sujeito nordestino que se constitui na movência, que não se enquadra e não é mais um, que transita em espaços que ultrapassam o regime heteronormativo hegemônico, permitindo-se transgredir e se reinventar, em seu modo outro de subjetivação que se dá por meio da língua(gem). Nordeste é, portanto, metáfora de resistência, de luta, de força, de resiliência, sentidos que ultrapassam a condição de sujeitos pertencentes a uma determinada região geográfica. Se dizer sujeito de luta, sujeito de resistência é uma forma desses sujeitos subjetivarem-se, insistirem na sua (r)existência.

Vejamos o outro conjunto de respostas:



Figura 3 - Conjunto de respostas ao enunciado “Em uma palavra, defina o que é ser NORDESTINO”,

publicado no Instagram Stories do perfil @Escutas, em 01 de abril de 2022.

As respostas que compõem esse segundo conjunto formam outra rede parafrástica de sentidos que se inscrevem na memória do dizer sobre “ser nordestino”. A memória da nordestinidade, dessa vez, no entanto, não está mais marcada pela resistência, mas sim pela afetividade desse sujeito: nordestino é... acolhedor, alegre, feliz, agoniado, animado. Num efeito de “palavra-puxa-palavra”, a rede parafrástica aqui se organiza somente em torno de adjetivos, apontando para três direções de sentido: do acolhimento, da alegria e da agonia. Tais características, de modo diverso da rede parafrástica anterior, dizem sobre um modo de ser que está na essência desse sujeito, e que, lidas na superficialidade, ou de modo literal, nada tem a ver com o sujeito da resistência do recorte anterior. No entanto, quando colocamos em relação o dito e o não-dito, quando consideramos a memória e os sentidos estereotipados sobre o “ser nordestino”, abrem-se outras possibilidades de leitura. A memória, mais uma vez, esburaca-se, e os sentidos deslizam, produzindo outros efeitos metafóricos: apesar de todo o sofrimento, da marginalização a que estão submetidos, esses sujeitos são felizes e acolhedores em sua essência.

Assim, num jogo entre se dizer e ser dito como nordestino pelo outro, vão se construindo redes parafrásticas de palavras que definem esse sujeito, que o inscrevem numa memória histórica, mas também discursiva, que reproduz um sentido dominante sobre quem são, como agem, como se comportam os sujeitos que habitam a região nordeste do Brasil. Mais do que o nordeste que habitamos e os nordestinos com quem vivenciamos ricas experiências no cotidiano, esses discursos reproduzem um nordeste inventado, a partir de muitos mitos e estereótipos que precisam ser desconstruídos, como mostra Albuquerque Júnior (2009). As experiências culturais, por exemplo, tão ricas nessa região do país, foram mencionadas em apenas duas respostas, que não analisamos nesta abordagem.

Produz-se, assim, um apagamento de algumas características em detrimento da dominância de outras, apontando uma certa homogeneização sobre esse sujeito nordestino e seu espaço geográfico circunscrito no mapa do Brasil.

Considerações finais

Ao longo de nossa reflexão, compreendemos que “ser nordestino”, no plano da língua e do corpo, nas formas de o sujeito (se) dizer, materializa redes parafrásticas de significação, de modo que duas direções de sentido emergem nos/dos significantes enunciados e se atravessam: de um lado, o sujeito que luta, que resiste, que é corajoso; de outro lado, o sujeito acolhedor, feliz, alegre. Conforme Pêcheux ([1975], 2009, p. 58), o processo discursivo é “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, etc, que funcionam entre elementos linguísticos - ‘significantes’ - em uma formação discursiva dada”. Nesses termos, compreendemos que a formulação “ser nordestino” contempla não só a afirmação que pressupõe o que se é e/ou se pode “ser nordestino”, mas também a negação, que pressupõe o que não se é e/ou não se pode ser. Pensar o “ser nordestino” entre o dito e o não-dito é compreendê-lo, não a partir das evidências, mas, sobretudo, das derivas que vão se delineando e entremeando essas redes parafrásticas que se inscrevem na memória da nordestinidade.

De uma perspectiva histórico-política, Rago (1996, p. 17) aponta que os nordestinos não são vitimizados, mas “partícipes da construção cultural do Nordeste, na medida em que se subjetivam enquanto ‘nordestinos’ [e] constroem uma identidade que não é natural, nem essencial”, o que funciona como forma de não corroborar o imaginário estereotipado, denunciado socialmente. Poderíamos dizer, então, que, pela memória discursiva, os sujeitos nordestinos “se ‘nordestinizam’, ao mesmo tempo em são ‘nordestinizados’” (RAGO, 1996, p.17), o que, de nosso ponto de vista, vem irromper

em sentidos de heterogeneidade à suposta homogeneização dos sujeitos nordestinos e de seus espaços geográficos, fazendo vir à tona a singularidade que, em alguma medida, se enrosca na ilusão de unidade/essencialidade, conforme já sinalizamos.

Com base no corpus que analisamos, sobretudo o jogo “palavra-puxa-palavra” para o qual lançamos nosso olhar, observamos o funcionamento do dispositivo complexo de uma memória: nos processos discursivos, é sempre aos pedaços que uma memória (em nosso caso, a da nordestinidade) se mostra e, ao se mostrar, vai produzindo dobras sobre si mesma. Se, por um lado, é impossível negar a força do discurso sobre que tenta apreender e aprisionar o nordestino e a nordestinidade nas amarras do estereótipo; por outro, é perceptível também como esse sujeito, ao identificar-se como nordestino, vai redesenhando as trajetórias de sentido para dizer de si e de seu lugar numa costura nunca linear de dizeres em que se vai esgarçando o estereótipo e, pelas falhas desse tecido, fazendo ver o heterogêneo que o constitui.

Nas direções de sentidos que vimos se delinear pelo efeito “palavra-puxa-palavra”, força, coragem e resistência dizem a nordestinidade, fazendo ressoar a opressão, o abandono, o preconceito; numa outra direção, a alegria, a agonia, o caráter acolhedor diz desse particular-coletivo que envolve um “apesar de”, um falar de si que não acaba nunca de fazer torção com o falar do outro, de se desdobrar. Nessa esteira do jogo de palavras e imagens que vão se entrelaçando sobre a nordestinidade, retomamos o poema *Verbo Ser*, de Drummond, e deixamos o questionamento: ser nordestino “cabe tantas coisas?” (ANDRADE, 2016, p. 24).

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

ANDRADE, C. D. *Verbo ser*. In: ANDRADE, C. D. *Vou crescer assim mesmo: poemas sobre a infância*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

DE NARDI, F. S. *Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Teorias do texto e do discurso) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. [1981]. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução de: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. [1971] *A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, R.L. (org.) *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de Formação Discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13 - 31.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Memória discursiva em funcionamento*. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos, SP: Pedro & João, 2012, p. 141-152.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. *Glossário de termos do discurso – edição ampliada*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MAGALHÃES, B; MARIANI, B. *Processos de identificação e subjetivação: ideologia e inconsciente*. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391- 408, maio/ago. 2010. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/450/470. Acesso em: 24 maio 2022.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comu-*

- nistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- MILLÁN-RAMOS, J. G.; BALDINI, L. Algumas notas sobre o significante, o acontecimento e a singularidade. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas (38):59-70, Jan/Jun, 2000.
- ORLANDI, E. P. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.
- PÊCHEUX, M. [1978] As massas populares são um objeto inanimado?. In: PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux: Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi*. Tradução de: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 251-273.
- PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.
- PÊCHEUX, M. [1983] Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49- 57.
- PÊCHEUX, M. [1969] Análise automática do discurso (AAD - 69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª Ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 61 - 161.
- PETRI, V. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Revista Conexão Letras*, V. 13, nº 19, Língua, discurso, ensino, 2018, p. 47 - 58. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032/49004>. Acesso em: 24 maio 2022.
- RAGO, M. Prefácio. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p.13-19.
- SILVA, M. V. Instrumentos linguísticos: língua e memória. *Revista Letras*. Santa Maria: UFSM/PPGL, n. 27, 2003, p. 111-118. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11904>. Acesso em: 24 maio 2022.
- Submissão: maio de 2022.**
Aceite: agosto de 2022